

A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO A PARTIR DA ELABORAÇÃO DE TEXTOS NO ENSINO TECNOLÓGICO

Josimere Silva

IFPE, Campus Vitória de Santo Antão, Propriedade Terra Preta, S/N, Vitória de Santo Antão - PE,
e-mail: josi_maria27@hotmail.com

RESUMO

Tendo a atividade de leitura e escrita um caráter dialógico, esta se constitui em uma ação extremamente necessária para que o sujeito externe suas crenças e valores ao mesmo tempo em que os partilhe com seus interlocutores. O trabalho que segue, objetiva explicitar alguns já alcançados resultados da realização ainda em andamento de um projeto de intervenção em leitura e escrita que está sendo realizado no IFPE, campus Vitória de Santo Antão e levar a uma reflexão acerca da importância da criação e elaboração de textos para a constituição do sujeito. Nosso principal objetivo aqui é registrar a relevância que tem tido projeto em questão, que, como dito, está em desenvolvimento, para identificarmos nos nossos discentes a existência de sujeitos reais, constituídos de linguagens que explicitam desejos, sonhos, querereres, crenças e objetivos. Partiremos de uma breve conceituação do sujeito enquanto aquele que fala no discurso. Em seguida, explicitaremos trechos de textos produzidos por alguns de nossos discentes seguidos de também breve reflexão acerca dos elementos textuais que evidenciam um perfil daqueles que se fazem o corpo discente de nossa instituição.

Palavras-chave: Leitura/Escrita, Construção do sujeito, Ensino Tecnológico

INTRODUÇÃO

Desenvolver habilidades de leitura e escrita em nossos alunos se constitui um grande desafio para nós professores de Língua e Linguagens, ao mesmo tempo em que representa um dos focos principais propostos pelos PCN's. Os Institutos Federais recebem anualmente alunos oriundos preferencialmente de escolas públicas que tenham concluído o Ensino Fundamental. Logo, espera-se que estes alunos apresentem certa familiaridade no que diz respeito ao uso e compreensão da língua portuguesa bem como das diversas linguagens que perpassam o processo comunicativo. Porém, diante do perfil do nosso alunado temos percebido a necessidade de tornar mais constantes momentos em que a língua e as linguagens se façam objeto de análise e de reflexão de realidades para que possamos torná-los sujeitos ainda mais competentes no trato com estas duas categorias que compõem a mola mestra da constituição do sujeito comunicador/comunicante.

Trazer o nosso aluno ao protagonismo nas aulas de Língua Portuguesa tem representado um grande desafio diante da concepção que ele tem formado acerca do assunto. E esta é mais uma barreira que temos que ultrapassar. Temos recebido alunos com o discurso de que aprender língua portuguesa significa compreender regras ou que é algo impossível de acontecer por ser muito complexo; exatamente o que têm discutido linguistas como Bagno, Castilho, entre outros. Acreditamos que somente quando se perceber um usuário competente de sua língua, é que o aluno perceberá que a língua em si é uma categoria que está a serviço do falante e não o contrário.

Os PCN's do Ensino Médio propõem uma abordagem da nossa língua materna enquanto "...geradora de significação e integradora da organização de mundo e da própria identidade." (PCN, p. 23) Eis o grande desafio: proporcionar situações que façam nosso aluno perceber que a língua que ele usa é que o constitui o sujeito que é; um sujeito real, situado no mundo, em confluência permanente com outros sujeitos que também assim se constituem. Daí a necessidade de fazer o nosso aluno perceber que ler, compreender e elaborar textos não é tarefa impossível, mas que representa o meio mais provável para que cada um

compreenda sua importância no mundo e se faça sujeito de sua história. Daí, pois, a iniciativa de fazer com que a atividade de leitura e escrita seja ressignificada e passe a representar para cada indivíduo um processo de exposição de ideias, de trocas de experiências, de transição entre o eu-pessoa e o eu-sujeito constituinte do mundo, de interconexão de pensamentos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si.” É assim que Amossy (2008) inicia seu *Imagens de si no discurso* – a construção do ethos. Esta assertiva encaminha-se para a ideia de que sempre que toma a palavra para si, o sujeito, inevitavelmente, passa a construir uma imagem de si, embora não faça um autorretrato ou uma descrição intencional que o leve a isso. O discurso, portanto, apresenta elementos que remetem a uma imagem representativa do sujeito no mundo, visto que todo discurso se constitui quando da interação entre sujeitos sociais.

Tornar a elaboração/criação de textos um momento significativo para nossos alunos tem sido nosso grande desafio. Para isso, partimos da ideia de que este tem de ser um momento em que o sujeito enunciativo, o próprio aluno, perceba que ao construir seu discurso ele está construindo sua identidade. Orlandi (1998 p. 204), falando da *produção da identidade linguística* na escola, parte da afirmação de que “Ao significar, o sujeito se significa;” para concluir que “Sujeito e sentido se configuram ao mesmo tempo e é nisto que constituem os processos de identificação.” Dessa forma, quando criamos mecanismos que levam à produção de sentidos estamos proporcionando a identificação de sujeitos. Assim, se, enquanto professores de língua e linguagens, levamos o aluno do ensino técnico a perceber que seu discurso, ao mesmo tempo em que se significa através de sua “fala” externa uma imagem dele próprio, estamos fazendo-o perceber que o pensamento que ele materializa na produção de textos evidencia um discurso permeado por sua identidade e que o coloca como sujeito de interação.

Para que haja a consciência de que a língua que se usa poder e deve ser um mecanismo de produção de sentidos e de identificação de sujeitos é preciso que se entenda que “A linguagem não é um meio neutro...; ela está povoada ou superpovoada de intenções de outrem” (BAKHTIN, 1992 p. 96). Logo, o sujeito aluno do Ensino Técnico, ao elaborar um texto, está construindo não só sua identidade, mas também a sua história, considerando-se todos os outros sujeitos que a perpassam e todos os outros discursos que permeiam sua “fala” no texto. Retomando Orlandi, é neste entrecruzamento entre língua e história que o sujeito produz sentidos ao mesmo tempo em que se produz.

Dar significado à produção textual no ensino técnico significa negociar com os participantes desta ação. Ou seja, significa travar um debate sobre a importância disso. Mostrar para nosso aluno que ao produzir textos ele está construindo sua identidade pode ser o caminho para que atividades de leitura, escrita e re-escrita de textos tornem-se realmente significativas nos cursos técnicos. Para Moita Lopes (1998 p.304) “Os participantes discursivos constroem o significado ao se envolverem e ao envolverem outros no discurso em circunstâncias culturais, históricas e institucionais particulares.” Daí que a partilha dos discursos registrados nos textos elaborados constitui-se em etapa indispensável no encaminhamento das atividades realizadas quando da execução do projeto que aqui exponho.

Falando de questões que envolvem a atividade de escrita em sala de aula e avaliação, Geraldi (2005 p. 128) coloca a necessidade de nós, professores, nos colocarmos como interlocutores diante do aluno para, “respeitando-lhe a palavra, agirmos como reais parceiros: concordando, discordando, acrescentando, questionando, perguntando, etc. Aqui remetemo-nos ao papel do professor nesse processo de construção de sentido e de identidade do sujeito aluno das escolas técnicas federais. Parceria – eis a palavra que talvez melhor exponha nosso papel. É preciso que criemos não só condições favoráveis ao processo de criação e elaboração de textos significativos, como também saibamos proporcionar momentos em que nossos alunos nos percebam seus interlocutores e não apenas avaliadores de suas produções, o que poderia vir a tolher sua criatividade e capacidade criadora.

NOSSA PROPOSTA

A seguir, elenco alguns trechos de elaborações dos nossos alunos e aponto, sem intenção de comprovações, alguns elementos que deixam transparecer a identificação de sujeitos constituídos em sua história, de sujeitos conscientes e desejosos de construir uma nova história para si. Antes, porém, explico brevemente a proposta central do nosso projeto.

Diante da vastidão de pensares que representam nossos alunos, é necessária a consciência de que, a cada início de ano letivo, recebemos em cada novo aluno, um mundo particular a ser explorado. Cada um com sua história, com seus anseios, suas dificuldades, suas habilidades. Uma sondagem realizada no início deste ano de 2010 trouxe-nos uma preocupação maior com uma necessidade que se mostrou comum à maioria dos recém-chegados: a de melhorar o trato não só com a língua escrita em seu aspecto formal ou informal mas também com as diversas linguagens inerentes ao processo comunicativo.

Resolvemos, professores, coordenação e direção de ensino, implantar algum projeto que pudesse auxiliar o aluno nesta dificuldade. Após algumas reflexões, concluímos que uma saída possível para alcançar tal objetivo seria intensificar atividades de leitura e escrita como forma de desenvolver habilidades no que diz respeito ao uso da língua e das linguagens, seja na sua forma oral, seja na escrita.

Uma segunda etapa, que se colocou não muito fácil, diz respeito ao modo de desenvolvimento. Como fazer, na prática, com que as dificuldades em questão fossem sendo minimizadas ao mesmo tempo em que representassem um significado real para nossos alunos? Era preciso fazer com que o aluno se percebesse *sujeito* nas aulas de língua Portuguesa. Daí a necessidade de dar significado às atividades voltadas à leitura e à escrita.

Apegamo-nos, então, à concepção linguística de “sujeito de linguagem” – aquele que se constrói na e pela linguagem. Deveríamos tornar o aluno *sujeito* de suas produções para que alcançássemos nossos objetivos. A saída mais palpável, no momento, foi levá-los a registrar suas histórias como forma de identificar a si mesmos e também suas trajetórias dentro de uma estrutura macro – a própria sociedade em que vivem. Levando-os a perceber, através da produção escrita, que são responsáveis por serem quem são; que estão a todo instante construindo e dando andamento as suas vidas.

A primeira atividade do projeto, pois, chama-se “Minha história” e é de seus resultados que falamos aqui. Começa com uma autoapresentação em forma de poema e tem continuidade com outros textos que apresentam as seguintes sugestões de temas: “Meu nome”, em que se pode falar um pouco sobre a escolha do nome, seu significado, etc; “Eu sou assim”, uma descrição física e/ou psicológica de si; “Uma história de amor”, relatando como os pais se conheceram; e “Meu primeiro amor”, em que o aluno poderia falar de um primeiro amor, seja por um brinquedo, por um bichinho de estimação, ou até por um pessoa.

Tomaremos como exemplificação trechos das primeiras produções, a Autoapresentação e Eu sou assim. No primeiro caso, por entendermos que, por ser um texto poético, na forma de um poema, apresentaram certa carga de subjetividade reveladora das reais crenças e desejos dos alunos. No segundo, por vermos a proposta como um espaço em que os alunos puderam falar de suas famílias, de seus gostos, seus sonhos, etc. de forma mais objetiva. Não é nosso foco aqui expor as condições de produção destes textos, embora reconheçamos a importância desta etapa no processo de elaboração textual e tenhamos tido um especial cuidado no trato com este momento. Assim, partiremos logo para a observação dos resultados iniciais.

“ACESSAR OS DISCURSOS PARA REFLETIR”

Nas produções que recebemos dos nossos alunos, observamos que não estávamos com apenas mais algumas produções textuais em nossas mãos. Estávamos com pequenos flashes de vidas reais que retratavam momentos passados ou sugeriam futuros, assim, no plural. Porque nosso objetivo inicial era levar cada indivíduo a se colocar como sujeito de sua história é que fomos levados a identificar em suas produções traços de pessoas humanas, com toda complexidade que isso acarreta.

A par da fala de Orlandi, tomamos cada texto, de cada aluno, para acessar, na medida do possível, a constituição de cada um enquanto ser real e concreto, através de seu discurso sobre si mesmo. O resultado é que acreditamos ter alcançado o que sugere a autora: o aluno se coloca como sujeito e trabalha o acontecimento da língua nele mesmo “e não a língua como instrumento.”(1998 p. 209) Vejamos o que disseram os sujeitos relacionados abaixo, escolhidos aleatoriamente entre as seis turmas com as quais trabalho, todas de primeiro ano do ensino técnico integrado ao médio. Serão identificados por letras, em ordem alfabética, ininterruptamente. Em seguida, coloco algumas considerações gerais abrangendo todos os textos.

O sujeito A coloca: Eu sou assim/ Tímido à beça/ Qualquer coisa me estressa/ Me irrita demais/ E parece que não tem fim. / Eu sou assim/ Um bom garoto/ E quando olho pros outros/ me vejo esperto, /Acho que estou certo/ de que sou assim.

Sujeito B: Eu sou uma pessoa alegre,/ Que se diverte com tudo/ E com todos./ Sou legal, mas quando sei que é pra ser chata, sou também./ Esse é meu jeito / E não posso mudá-lo,/ Por mais que os outros queiram.

Sujeito C: [...]Gosto muito de ajudar meu pai/ Trabalho lá na roça./ Também gosto da natureza/ Que me dá inspiração./ Tenho ouvidos bem atentos/ Sou um cabra desenrolado/Amigo de todo mundo/ Que estiver ao meu lado.

Sujeito D: [...]Não me deixo levar por más influências/ Tenho a cabeça no lugar/ Procuro ouvir mais e falar menos./ Bato sempre de frente/ Com os obstáculos da vida/ Não me entrego fácil/ Porque, apesar de tudo, sou brasileiro/ E tenho Deus em minha vida.

Sujeito E: Sou um garoto como todos os outros/ Cheio de criatividade e de esperança,/ Determinação e coragem./ [...]Tenho uma mentalidade diferente/ A cada ocasião/ Sou falante, quieto e até impaciente/ Enfim, esse sou eu.

Sujeito F: Estudo na Agrotécnica Federal/ Sonho em ser veterinária/ Quando fui ao refeitório/ Por Zé Gomes fiquei apaixonada.

Sujeito G: Sou estudante do IF/ Cheio de objetivos a conquistar/ Quero meus sonhos realizar/ Mas pra isso preciso estudar.

Sujeito H: Tenho 15 anos/ Moro em Escada/ Entrei no IFPE/ Pra mudar e aprender./ Vim de um colégio muito diferente/ e estou sentindo muita dificuldade no IFPE/ mas estou gostando muito.

Sujeito I: Às vezes me confundo/ Com as coisas da terra/ Não entender algumas coisas/ Me faz buscar respostas/ Para as quais não sei nem as perguntas.

Sujeito J: Tenho muitos medos/ Medos que muitas vezes/ Me consomem/ E me provocam dores/ Que só o meu coração sente.../ Mas você não entenderia/ Pois acharia estranho,/ Fora do normal.

Em A e B, identificamos sujeitos que olham para si tendo consciência disso e se definem segundo características positivas e/ou negativas. No primeiro, portanto, o verbo “acho” evidencia a dúvida, a incerteza de ser, típica do jovem adolescente. Já B, colocando-se como “chata”, deixa entrever no seu interdiscurso, o caráter negativo de ser como é quando diz que não poder mudar mesmo que os outros queiram isso. Vale ressaltar que esse posicionamento de B evidencia o que nos coloca Bakhtin quando diz que todo discurso é permeado por vários eus. O discurso de B, portanto, quando diz não poder mudar o fato de ser chata, nos faz perceber a existência de outros sujeitos colaboradores de seu discurso.

O sujeito C apresenta um discurso permeado por singularidades. É apenas um adolescente, mas já é um trabalhador. E um trabalhador satisfeito em “ajudar” seu pai, na roça, e que aprecia a natureza, de onde retira inspiração. C nos apresenta em seu texto o discurso/perfil do aluno que se pretende ideal para cursos como Agropecuária ou Zootecnia, oferecidos por nosso campus. É o aluno que vive em contato com a terra, que tem origem rural e que, portanto, traz consigo o conhecimento empírico, adquirido a partir do contato real com as práticas rurais. A linguagem utilizada por C, no sexto verso, o coloca como um sujeito que se utiliza do língua coloquial para se expressar e que, como ele mesmo diz, é “desenrolado”.

Já o texto de D, transparece um discurso de alguém decidido e que encontra na fé a força que precisa para enfrentar “obstáculos” e “más influências”. D é alguém que luta pelo que quer e encontra em Deus a razão para não se entregar.

O discurso de E o coloca em uma posição de representação do outro. Ele se vê como alguém que transita entre seres criativos e esperançosos ao mesmo tempo em que corajosos e determinados. É justamente esta transição entre um estado e outro que faz E perceber-se “diferente” nas diversas circunstâncias porque passa; o faz ver-se em constante mudança, “como todos os outros”.

O sonho de chegar a algum lugar, metaforicamente falando. Este é o significado do Instituto Federal para F, G e H. O IF representa a possibilidade de conquistar objetivos, realizar sonhos; significa mudanças, aprendizagem. Nas entrelinhas do texto de F, porém, ao mesmo tempo em que fica subentendida sua crença nessa grande responsabilidade que temos – proporcionar um encaminhamento profissional e intelectual para nossos alunos – aponta-se para o que mais inquieta e encanta os adolescentes – a paixão. Responsabilidade e euforia lado a lado em seu discurso. Estudar e dar conta do coração.

I e J, para finalizar, se colocam no sentido da grande incógnita que é a vida para o jovem, senão para todo ser humano. As dúvidas, os medos, a busca por respostas para não se sabe o que, a falta de compreensão, são alguns elementos perceptíveis em suas “falas”. São sujeitos em busca de esclarecimentos, munidos de um discurso inquieto e em constante ebulição.

De A a J, lembrando que estes representam todos os outros alunos participantes do projeto, identificamos sujeitos de linguagem. Sujeitos que sabem de seu papel, ou pelo menos supõem saber, como sugerem seus textos. Sendo nosso objetivo fazê-los perceber a linguagem enquanto instrumento a serviço do falante, ressalte-se que tomamos o termo linguagem para além de simplificações. Portanto, os trechos acima colocados apresentam-se simplesmente como falas que transparecem discursos identificadores do sujeito enunciador. Não cabe aqui, tal o nosso propósito, julgamentos a respeito de nível de linguagem, do uso ou não da variedade padrão, ou qualquer outra classificação no que diz respeito a elaboração linguística dos textos produzidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estando entre as teorias lingüísticas que partem dos pressupostos interacionistas, a sociolingüística conceitua a língua enquanto “uma instituição social” que, por isso mesmo, deve ser analisada a partir da cultura e da história das pessoas que dela fazem uso. Assim olhamos para os nossos alunos e suas produções. Vimos na linguagem de cada texto a evidência de um sujeito cultural e histórico, independente da habilidade que tenham com a forma escrita da língua/linguagem com a qual se comunicam. Percebemos que as dificuldades que apresentam tornam-se secundárias, embora não possam ser deixadas de lado, dada responsabilidade do da *escola* em proporcionar-lhes o contato com as diversas formas e usos da língua em todas as suas possibilidades.

Para além da elaboração lingüística observada nos textos elaborados em sala de aula, identificamos sujeitos que têm fé, que se apaixonam, que se autoanalisa, que sonham com o que há de vir, que têm medos, que se estranham. E estes sujeitos nos mostram quem são através da habilidade que apresentam com a língua. Daí que é nosso dever valorizar aquilo que nos apresentam como produto de suas reflexões acerca de si através de suas produções textuais.

Concebemos nas produções textuais dos nossos alunos a existência de sujeitos comunicantes, de sujeitos que externam seus pensares através da linguagem. Identificamos sujeitos e linguagens que se intersectam conforme estas duas instâncias se entrelaçam no processo comunicativo. Língua/linguagem e sujeito se apresentam como parte de um todo que se constitui em um processo vivo e mutante. Considerar um em detrimento do outro parece ser um caminho que leva ao vazio. Sobrepor um ao outro é ignorar o caráter de simultaneidade que língua e sujeito exercem permanentemente na constituição do discurso.

Os resultados que por ora estamos alcançando em nosso projeto nos mostram que, embora nossos alunos apresentem dificuldades na expressão escrita, eles se fazem sujeitos da linguagem a partir do momento em que a usam para externar suas crenças, seus valores, seus objetivos, suas histórias. Tomando a linguagem sob

esta perspectiva é que conseguiremos ressignificar, a importância de se ter consciência e segurança no trato com a língua e com as linguagens.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 1ª ed. 1ª reimpressão; São Paulo: contexto, 2008.

GERALDI, João Wanderley. **“Escrita, uso da escrita e avaliação.”** In: _ (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2005.

MARTELOTA, Mário Eduardo. Manual de Linguística. (og.). 1ª ed. 2ª reimp. – São Paulo: Contexto, 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **“Discurso de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença.”** In: SIGNORINI, Inês (Org.) Linguagem e identidade elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras; SãoPaulo:Fapesp, 1998.

MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina. Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos. Vol. 3 (og.). 4ªed. – São Paulo: Cortez, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. “Identidade linguística escolar”. In: SIGNORINI, Inês (Org.). Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras; SãoPaulo:Fapesp, 1998.

STAM, Robert. **“Marxismo e filosofia da linguagem”**. In: _ . Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa. São Paulo: Ática, 1992.